



Um estudo de recepção do programa Rádio Mulher pelas mulheres da comunidade do Pirapama - PE ¹

Adriana do Amaral Freire²

Maria Salett Tauk Santos³

Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Recife, PE

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O texto analisa a recepção do programa Rádio Mulher pelas mulheres da comunidade do Pirapama, em Pernambuco e as apropriações que contribuem para o desenvolvimento local. A análise fundamentou-se nas teorias da recepção, nos estudos sobre gênero, participação e sobre rádio comunitária. Considerou-se como categorias para análise desse texto os temas associados ao desenvolvimento local como relações sociais de gênero, cidadania, participação/organização social e na rádio, atividades econômico-produtivas, ecologia social e ambiental. As apropriações de temas veiculados pelo Rádio Mulher como participação comunitária, cidadania, saúde da mulher e suas relações com a sociedade, são mais facilmente percebidas nas respostas das entrevistadas do que em relação a outros temas, como ecologia ambiental e atividades econômico-produtivas.

Palavras chave: mulher, participação, estudo de recepção, rádio comunitária, desenvolvimento local.

Introdução

Quais as apropriações, no sentido do desenvolvimento local, que mulheres de contexto popular, com pouca escolaridade e desfavorecidas social e economicamente, fazem da proposta de uma ONG, voltada para a mobilização, o fortalecimento e a articulação do movimento de mulheres, a partir de um programa feminista de rádio? Para tentar responder a essa questão, que envolve mulher, rádio, participação e desenvolvimento local, analisou-se as apropriações das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos cursos Sequenciais de Gestão do Marketing da Universidade Estadual do Vale do Acaraú em Recife. E-mail: adfreire2@hotmail.com

³ Professora associada II da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Atualmente é membro do comitê científico da Rede Universitária de Estudos Cooperativos e Associativismo das Américas. E-mail: mstauk@terra.com.br

mensagens do programa Rádio Mulher do Cabo de Santo Agostinho pelas mulheres da comunidade do Pirapama, em Pernambuco, para saber quais os usos que essas fazem das mensagens das quais se apropriam.

Essas mulheres são responsáveis pelo sustento total ou parcial de suas famílias, são atuantes na comunidade onde vivem e ajudam a compor as forças produtivas e criativas que impulsionam o desenvolvimento daquela localidade. Integram-se a outras mulheres e a Associação de Moradores do Local em busca de novas oportunidades para si mesmas, para as suas famílias e para a sua comunidade. É importante, porém, considerar a situação de contingência a que muitas mulheres estão sujeitas, Monteiro e Leal (1998, p. 29) afirmam:

Apesar de todas as conquistas nessa longa construção, as mulheres continuam a ser discriminadas e sujeitas a toda espécie de violência. A presença feminina nas esferas de decisão e políticas públicas, nos organismos de classe, nas hierarquias das igrejas e nas direções partidárias ainda não é significativa.

O programa Rádio Mulher é produzido pela organização não governamental Centro das Mulheres do Cabo – CMC, e veiculado na Rádio Comunitária Calheta - FM. O programa divulga um conteúdo voltado para um público feminino e conta com quadros de notícias, entrevistas, entretenimento, prestação de serviços e também com a cobertura jornalística articulada ao movimento das mulheres em todo território nacional.

As rádios podem desempenhar um papel de mobilizador popular, podem tornar-se legítimos instrumentos de empoderamento social, ao possibilitarem o acesso de comunidades de contexto popular, e darem voz a estas. Podem influenciar as pessoas a participarem ativamente, interferindo nas pautas e conteúdos veiculados e produzindo também a informação que será levada ao ar. Devem possibilitar uma linguagem que permita a compreensão do conteúdo pelas camadas sociais mais excluídas, voltando-se para o perfil das comunidades onde atua. Esses são alguns dos papéis das rádios livres. Segundo Cícilia Peruzzo (1998, p. 163), tais rádios funcionam, na verdade, como um legítimo “produto da comunidade”.

Sobre as rádios populares Estrabeli e Ramalho afirmam que:

Na rádio popular o que interessa é que o povo seja bem informado, que ouça coisas ligadas à sua vida, ao seu dia-a-dia, às suas lutas. A rádio popular quer colocar o ouvinte cada vez mais em contato com sua realidade, para compreendê-la e poder transformá-la (1985, p. 3).

A rádio popular apresenta-se como um instrumento que pode levar informação as populações mais carentes, essa informação, dependendo de sua qualidade e grau de relevância

para cada contexto, pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, o desenvolvimento local prescinde do empoderamento da informação para ser construído, e dessa forma, a rádio comunitária pode ser percebida como um instrumento auxiliar para esse desenvolvimento. Sobre o desenvolvimento local Buarque afirma,

É o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território. Não pode se limitar a um enfoque econômico, normalmente associado às propostas de desenvolvimento endógeno, mas não pode minimizar a importância do dinamismo da economia. (2008, p.26)

O desenvolvimento local é um complexo processo que envolve interações de fatores como renda, desenvolvimento humano, preservação ambiental, necessitando que haja uma profunda mudança social para ser construído. Desse modo, segundo Augusto de Franco:

O desenvolvimento é o movimento sinérgico que consegue estabelecer uma estabilidade dinâmica em um sistema complexo, no caso, uma coletividade humana. Crescimento é movimento. Mas movimento não pode ser reduzido a crescimento (2005, p.06).

Complementando a ideia de Franco, Jara (1998) afirma que desenvolvimento local não se concentra apenas nos aspectos econômico-produtivos, mas depende da estrutura de valores, da informação e do empoderamento. Para o autor:

O desenvolvimento local não passa pela dimensão econômico produtiva, depende essencialmente da estrutura de valores que definem a cultura organizacional, da informação e do “empoderamento”. [...] Estamos falando de um desenvolvimento endógeno, ou seja, baseado no aproveitamento dos recursos, das oportunidades e das capacidades locais (JARA, 1998, p. 71-72).

Para promover o desenvolvimento em uma comunidade é imprescindível que ocorra a mobilização, do grupo que nela atua, em torno de fatores que podem contribuir para sua evolução, em termos econômicos, políticos e sociais. Para definir mobilização social, foi resgatado o texto de Toro A. (2004, p. 13) que afirma: “a mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando cotidianamente, resultados decididos e desejados por todos”.

A mobilização prescinde a participação, mobilizar é chamar as pessoas para se integrarem as práticas que visam benefícios coletivos. Sobre esse tema Paulo Freire (2001, p. 37) que relaciona a participação comunitária com as práticas educativas, afirmou “[...] a participação, enquanto exercício de voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania[...]”. Ainda sobre participação Demo (2008, p. 12) conclui que

“participação é o processo histórico de conquista da autopromoção”. Dessa forma, observar se ocorre a mobilização das mulheres para que essas participem e apóiem as causas da sua comunidade é fundamental para verificar se o programa impulsiona o desenvolvimento local.

Para favorecer o desenvolvimento local a comunicação social precisa desenvolver meios que, como proposto por Tauk Santos (2002, p.7), devem:

Encorajar a solução de problemas do autodesenvolvimento econômico e social das comunidades locais; sensibilizar autoridades locais, regionais e nacionais, face aos problemas ligados ao emprego; promover o empoderamento das associações populares; motivar a criação, no plano organizacional, de empresas comunitárias e de cooperativas de habitação, trabalho, entre outras; mobilizar e garantir a participação das mulheres e dos jovens nas atividades econômico-produtivas e sociais da comunidade; articular as parcerias com organizações governamentais, não governamentais e com a população local; disseminar a preservação ambiental; e viabilizar ações permanentes de capacitação e assistência técnica para a população envolvida no desenvolvimento local.

Dentre os meios fundamentais para o DL citados anteriormente está o da mobilização e participação da mulher nas atividades econômico-produtivas e sociais, confirmando a necessidade de análise dos temas que envolvem a participação da mulher na promoção do desenvolvimento local.

Particularmente, o rádio pode constituir um meio importante em uma sociedade em que as mulheres estão inseridas, algumas vezes, em posição de desigualdade em relação aos homens, no que diz respeito às questões econômicas, políticas e sociais. Além da posição desigual das mulheres na sociedade, porque têm acesso precário e contingente ao produto das riquezas do mundo, elas ainda sofrem com uma desigualdade adicional, que é a de gênero, em relação aos homens. Para justificar tais desigualdades foi realizado um resgate teórico no texto de Mafra, que aborda esse tema, tomando como base as mulheres que desenvolvem atividades agrícolas, ao afirmar que:

As mulheres enfrentam uma série de dificuldades nas atividades agrícolas como: acesso a créditos; dificuldade na venda dos produtos agrícolas; as decisões são tomadas pelos homens; [...] representações das comunidades e organizações existentes são enxertadas a partir do poder público local visando sempre à formalização das relações de clientela e dependência e/ou fragilidade das organizações existentes (MAFRA, 2007, p. 1775).

As relações de gênero servem para aferir os níveis de desenvolvimento humano e social das comunidades estudadas. Sobre Gênero, Ana Colling (2004, p. 28) afirma que,

Gênero tem sido o termo utilizado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. A categoria de

gênero não se constitui numa diferença universal, mas permite entender a construção e a organização social da diferença sexual.

As relações conflituosas entre homens e mulheres cedem espaço à discussão da importância da mulher na redução da pobreza, violência e injustiça social no país. Estudos mostram que as nações que promovem os direitos das mulheres têm menores taxas de pobreza, crescimento econômico mais rápido e menos corrupção, além de constatarem que o aumento da renda da mulher produz um impacto positivo para a família. Segundo dados da Unicef (2006):

A igualdade de gênero não tirará da pobreza apenas as mulheres, mas também suas crianças, suas famílias, suas comunidades e seus países. Sob esse ponto de vista, a igualdade de gênero não é apenas uma atitude moralmente correta – é crucial para o progresso humano e para o desenvolvimento sustentável. [...] a igualdade de gênero rende um duplo dividendo: beneficia a mulher e a criança. Mulheres saudáveis, instruídas e fortalecidas têm filhas e filhos saudáveis, educados e confiantes. Comprovadamente, a influência que a mulher exerce sobre as decisões familiares tem impacto positivo sobre a nutrição, os cuidados de saúde e a educação de seus filhos.

Acrescente-se ainda, fundamentando a preocupação com a questão de gênero, o texto de Helena Corazza (2000, p. 16), justificando a concentração de sua pesquisa nesse campo temático ao afirmar que a sua preocupação está em “olhar para a mulher em relação ao homem quanto à questão do exercício do poder e a sua visibilidade, como produtora e articuladora de idéias e opiniões, geradora de pensamento, na sociedade e [...] também pelas práticas radiofônicas”.

Nesse sentido, a comunicação passa a ser um instrumento que pode beneficiar a participação feminina no processo de desenvolvimento local, e a rádio comunitária, enquanto elemento de intercâmbio de informações é o meio de comunicação que mais se aproxima dessas mulheres de contexto popular.

Apesar dos esforços do Centro das Mulheres do Cabo no sentido de desenvolver estratégias que mobilizem as mulheres para ouvirem e participarem do Programa, o estudo exploratório com ouvintes do Rádio Mulher revelou que a participação dessas mulheres no Programa não ocorre de forma significativa a ponto de promover o exercício de poder, através do uso dos meios de comunicação, pela mulher e lhe conceder visibilidade, como menciona Corazza (2000). Embora a literatura sobre rádio comunitária demonstre o potencial desse meio para comunicação popular, deve-se considerar que se trata de uma população feminina, inserida em contextos populares, desfavorecida, que vive em condição de contingência

econômica, educacional, de saúde, lazer e sem o hábito de análise e debate de sua própria situação como mulher ou de participar das discussões nos meios de comunicação.

Nessa perspectiva é que o estudo se volta para à análise das apropriações que as mulheres de Pirapama fazem da proposta do Programa Rádio Mulher a partir das seguintes indagações:

1. Até que ponto o programa Rádio Mulher:
 - a) Contribui para a melhoria no trabalho e na vida cotidiana dessas mulheres?
 - b) Influencia a participação das mulheres em organizações sociais da sua comunidade e do seu município?
 - c) Influenciam a reflexão e participação ecológica das mulheres?
 - d) Contribui para o fortalecimento da sua cidadania?
 - e) Contribui para a compreensão de suas mensagens pelas mulheres?
2. Como ocorre a participação das mulheres como comunicadoras e produtoras de mensagens no Programa?
3. Quais os usos que as mulheres fazem das mensagens do Programa Rádio Mulher, para o desenvolvimento de sua comunidade e o seu próprio desenvolvimento.

O processo de investigação: a recepção como ponto de partida

As idéias discutidas nesse artigo resultam da dissertação de mestrado desenvolvida para o Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE no período de 2007 a 2009, intitulada “Rádio comunitária, gênero e desenvolvimento local: a recepção do Programa Rádio Mulher pelas mulheres da Comunidade do Pirapama – PE”.

O caminho teórico-metodológico trilhado para a construção dessa pesquisa teve por base os métodos etnográficos de coleta de dados que, de acordo com Santo (1992, p. 158), “envolve pesquisa de campo e requer contextualização; interpretação de resultados no contexto da coleta de dados”. O texto também busca aporte nos estudos de recepção, na medida em que, levam em consideração, principalmente, os pontos de vista das pessoas que recebem a mensagem, nesse caso, indivíduos em situação de desigualdade e, frequentemente, excluídos da possibilidade de acesso à comunicação. De acordo com Wilton de Souza (1997, p. 278), deve-se “buscar na recepção o impacto social da emissão. A conjunção entre emissor-receptor-canal-mensagem é forte, mas a relação do emissor sobre o receptor é determinante”.

A observação dessas relações irá possibilitar o entendimento de como as apropriações feitas pelas mulheres podem interferir e modificar o seu próprio cotidiano e o da sua comunidade.

Segundo Nilda Jacks (1999, p. 46) as pesquisas em comunicação “vem incorporando a recepção como seu objeto de estudo”, para conhecer os hábitos dos “grupos sociais”, bem como os “usos” que esses grupos fazem dos meios aos quais se expõem.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com amostra não probabilística que se apoiou em levantamento bibliográfico e documental e no uso de técnicas etnográficas de coleta de dados, como diário de campo, observação sistemática e roteiro de entrevista semi-estruturada aplicado às mulheres de Pirapama. Assim, para delimitar as informações no âmbito da recepção pelas mulheres de Pirapama, categorizou-se o desenvolvimento local nos temas: cidadania, gênero, atividades econômico-produtivas, participação/organização e ecologia.

Para conhecer as apropriações que as mulheres fazem das mensagens do Rádio Mulher, na perspectiva do desenvolvimento local, selecionou-se uma comunidade no município onde o Programa é transmitido. O passo inicial que impulsionou a escolha da comunidade do Pirapama como o local da pesquisa foi a determinação das características da população que se pretendia investigar, definindo os critérios de gênero feminino, de atividade produtiva comum, de contexto popular, de convivência próxima e, principalmente, de população ouvinte do programa Rádio Mulher. Também se considerou o fato de essa ser uma comunidade ribeirinha, situada próxima a Barragem do Pirapama, que está sendo construída para ampliar o abastecimento de água no Estado, possuindo por este fato, uma diferenciada importância ecológica-ambiental. Assim, a partir da orientação do CMC foi identificado esse grupo produtivo, formado por mulheres, residentes no Povoado do Pirapama, comunidade próxima à ONG, capacitado pela Organização para realizar a “customização” ou reaproveitamento de roupas pré-confeccionadas. Nessa localidade realizaram-se entrevistas a sete ouvintes do Programa para uma análise qualitativa de recepção.

O texto a seguir apresenta o Programa Rádio Mulher, descreve a comunidade do Pirapama e analisa as falas das mulheres, relacionadas ao Programa, na perspectiva do desenvolvimento local. O trabalho de análise se deu a partir das categorias do desenvolvimento local, conforme descrito, para conhecer de que forma as ouvintes entrevistadas nessa pesquisa se apropriam dos temas tratados pelo Rádio Mulher.

Rádio Mulher: a proposta do emissor

O programa Rádio Mulher do Cabo de Santo Agostinho é transmitido diariamente desde o início do ano de 2005, de segunda a sexta-feira, no horário das 8 às 9 da manhã, pela Rádio Calheta FM, na frequência 98,5 MHz, no Cabo de Santo Agostinho. É produzido pela equipe de comunicação do Centro das Mulheres do Cabo e financiado pela Fundação MacArthur, Fundação Ford e a Intermón Oxfam. Segundo a coordenação do programa sua audiência é formada por populações, tanto da zona urbana como da zona rural desse município, as quais totalizam mais de 160 mil habitantes, porém, a organização ainda não realizou estudos de índices de audiência que lhe permita quantificar dentro desse universo populacional o número exato de ouvintes.

De acordo com Flávia Lucena⁴, o programa tem o objetivo de “empoderar as mulheres sobre os seus direitos [...] à saúde, à moradia, direito a uma vida sem violência, direitos humanos das mulheres”. Seu objetivo principal, de acordo com Ana Veloso⁵, é o de “mobilizar as mulheres para a defesa de seus direitos, o exercício de sua cidadania, os seus direitos reprodutivos, os seus direitos sexuais, os direitos humanos das mulheres”.

Os espelhos de programação ou *scripts* como costumam chamar, são montados, geralmente, por Flávia Lucena, colaboradora encarregada pela realização da maioria das atividades operacionais no Programa. Discutem-se os assuntos que o Centro das Mulheres discute dentro dos movimentos sociais e dos movimentos populares. As mulheres desses movimentos e as mulheres do Centro das Mulheres também sugerem temas, e dessa forma elas montam as pautas e os roteiros.

O Programa Rádio Mulher está dividido em sessões de notícias, entrevistas, enquetes que estimulam a participação das ouvintes e divulgação de eventos que ocorrem no município do Cabo de Santo Agostinho, como a Feira de Economia Feminista e Solidária e a Conferência Estadual de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Pernambuco.

O programa propõe-se a discutir temas relevantes e atuais para as mulheres, como questões relativas à saúde, à violência contra a mulher, ao direito à cidade (transporte, habitação, meio ambiente), à mobilização das concessões públicas de televisão e rádio,

⁴ Flávia Lucena, locutora do programa Rádio Mulher, concedeu entrevista à pesquisadora em 10 de novembro de 2008.

⁵ Ana Veloso, jornalista do Centro das Mulheres do Cabo, concedeu entrevista à pesquisadora em 10 de novembro de 2008.

Projeto Empresa cidadã, TV digital, dentre outros temas. Busca, ainda, mobilizar as mulheres para que elas participem da programação, sugerindo pautas pelo telefone.

Pirapama: o lugar da pesquisa e a população do estudo

O povoado do Pirapama está localizado a pouco menos de quatro quilômetros do Centro do município do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco, situado às margens do rio Pirapama. Sobre a população residente na localidade, verificou-se no site da Prefeitura do Cabo, que ela é constituída por aproximadamente 300 famílias, o que corresponde a 1500 pessoas, aproximadamente.

Observa-se que o acesso aos aparelhos sociais no local é deficiente, pois não há calçamento nas ruas secundárias, espaços de lazer ou saneamento básico. Ainda segundo populares, existe somente uma escola que fornece apenas o ensino fundamental; um posto de saúde, que na maioria das vezes não tem um médico de plantão ou os medicamentos básicos necessários; e, apesar da proximidade com a barragem do Pirapama, o fornecimento de água na comunidade, segundo as moradoras, é precário.

Constatou-se, porém, que as mulheres que concederam entrevista à pesquisadora, representam uma importante força de trabalho dentro da comunidade e que os frutos desse trabalho contribuem para a manutenção e sustento de suas famílias. A participação das mulheres, no sentido associativo na localidade, é outro aspecto a ser considerado por esse texto, visto que todas as entrevistadas se envolvem de alguma forma com a Associação dos moradores do local, sendo a participação e o associativismo duas características fundamentais para o fomento do desenvolvimento local. No período da coleta de dados a maioria das entrevistadas estava participando do curso de pedreiro oferecido pela Associação dos Moradores em parceria com o Governo do Estado, outro aspecto interessante para esse estudo que procurou conhecer as apropriações das mulheres e encontrou mulheres se empoderando de uma atividade que, na maioria das vezes é desenvolvida pelos homens. As mulheres estavam aproveitando os novos conhecimentos obtidos com esse curso para realizar reformas essenciais na sede da Associação local.

As informações que constituem este capítulo foram obtidas a partir de entrevistas com as mulheres do grupo de customização de roupas de Pirapama e observação sistemática no local. Para preservar a identidade dessas mulheres não serão citados os seus nomes reais, mas

sim nomes fictícios quando forem apresentadas as suas falas. Os depoimentos das mulheres foram atribuídos às sete deusas gregas que representam a projeção dos arquétipos do sexo feminino: Ártemis, Atena, Héstia, Hera, Deméter, Perséfone e Afrodite.

Nesse texto, especificamente sobre o Rádio Mulher, todas as entrevistadas declararam conhecer o Programa e ouvi-lo com frequência.

Mulheres de Pirapama e apropriações do Rádio Mulher para o desenvolvimento local

Para responder as questões propostas por essa análise, saber como as mulheres participam do desenvolvimento de sua comunidade e qual a contribuição do programa Rádio Mulher para a melhoria da qualidade de vida dessa população, trabalhou-se na perspectiva da recepção.

Sobre “Gênero” buscou-se identificar, de acordo com Nicholson (2000), referências às construções sociais que tenham a ver com a distinção entre masculino e feminino avaliada aqui. E, de acordo com Corazza (2000), observar a questão do exercício do poder na relação entre homem e mulher.

Para abordar à questão foi perguntado às ouvintes se elas mudaram o seu comportamento nas relações de gênero depois que passaram a ouvir o Rádio Mulher. Das mulheres entrevistadas, quatro afirmaram que não recebem influencia do programa Rádio Mulher. Elas declararam que já possuíam uma opinião formada sobre o assunto bem antes de se tornarem ouvintes do Programa, como se observa na fala de Hera,

Pra mim continua a mesma coisa porque eu não sou aquelas pessoas submissas a homens. Se eu fosse submissa a homem... Mas pra mim tem todos os limites (Hera).

Entretanto, três das entrevistadas afirmaram que tomaram consciência sobre as questões de gênero e modificaram seu comportamento a partir do Rádio Mulher, conforme observando no seguinte depoimento:

No Rádio Mulher a gente começa a aprender que a mulher tem o domínio do seu corpo quando eles falam da opção sexual de cada pessoa, é muito importante (Atena).

Porém, apesar de demonstrar apropriações, a afirmação abaixo aponta para o fato de ainda existir entre as mulheres uma ideia de disparidade dos direitos:

Pra mim foi a mesma coisa, mas sabendo dos meus direitos... eu vi com o tempo que alguns direitos são iguais. Em algumas coisas a gente pode até dizer que é igual aos homens né! Mudou! Eu achava que direito só os homens que tinham (Hera).

Entre as entrevistadas percebe-se que existe uma união singular que é, em parte, estimulada pela participação dessas mulheres nas atividades da Associação de Moradores do local, onde se encontram e conversam com frequência sobre a sua realidade. Essa união as auxilia na superação de pequenas dificuldades do cotidiano delas, além disso, pode-se considerar a questão das relações entre indivíduos do mesmo gênero como importantes para a melhoria da realidade social dessa população estudada.

Para conceituar a questão da “Cidadania” observou-se o texto de Freire (2001) quando afirmou que o cidadão é um indivíduo no gozo dos seus direitos civis e políticos. Nesse sentido, esse estudo analisa as apropriações que as mulheres fazem das mensagens sobre cidadania a partir das sugestões dadas por elas de temas que o programa deveria abordar mais para ajudá-las no seu cotidiano; da questão de já terem aprendido alguma coisa útil para o seu cotidiano com o Programa; dos cuidados com a saúde depois de começarem a ouvir o programa Rádio Mulher, e do conhecimento dos direitos à cidade em que moram a partir do Programa.

Na categoria cidadania das mulheres, observa-se, também, apropriação de novos conhecimentos por parte das ouvintes do grupo de customização, porém esses conhecimentos poderiam estar mais relacionados com o cotidiano dessas mulheres, e que as auxiliassem mais em suas necessidades imediatas, aproximando-se de sua realidade.

Foi perguntado às entrevistadas quais os temas que o programa deveria abordar mais para ajudar as mulheres no seu cotidiano, três delas afirmaram que o Programa já abordava tudo o que elas precisavam, porém quatro das ouvintes deram sugestões, dentre elas ressaltou-se duas:

Políticas públicas, gênero e cidadania, políticas públicas de educação e saúde (Deméter).

Muitas mulheres são donas da casa, aprender um artesanato assim, uma coisa diferente (Perséfone).

Sobre o tema cidadania, em geral, parte das respostas das mulheres apontam para apropriações que parecem impactar ou promover mudanças no seu cotidiano de cidadãs. As entrevistadas foram mais favoráveis em relação aos conhecimentos sobre a saúde, com a

maioria das respostas positivas, porém quanto à assimilação de mensagens sobre os direitos e deveres dos cidadãos, a maior parte das respostas, nesse caso, foram negativas.

Apropriações de conteúdos que auxiliam a população sobre cuidados com a saúde, bem como sobre onde obter atenção nesses casos, também auxiliam o desenvolvimento, não só individual, como coletivo, pois a rede de contatos formada por essas mulheres possibilita que elas multipliquem tais conhecimentos junto as suas famílias e a comunidade. Em contrapartida, a deficiência nas apropriações sobre direitos sociais caracterizam uma fragilidade dessa população e, nesse sentido deve ser observada aqui nessa pesquisa como necessidade fundamental de informações que garantam o empoderamento sobre os direitos essenciais de um cidadão.

A respeito da categoria “Organização/Participação”, verificou-se a partir dos estudos teóricos, que as emissoras de rádio comunitárias são ainda mais úteis ao Desenvolvimento Local quando estão orientadas a promover a participação e o desenvolvimento integral das comunidades de contexto popular. Paulo Freire (2001) relaciona participação comunitária com o exercício de voz e de decisão em certos níveis de poder.

Assim, no âmbito da recepção, buscou-se perguntar se as mulheres já haviam participado do Programa, de que forma ocorreu essa participação e, também, se o Programa as estimulou a participar de alguma organização comunitária ou política e se o Rádio Mulher incentiva a sua interação com outras comunidades.

Um problema que se repete no programa Rádio Mulher semelhante ao ocorrido na Rádio do Povo pesquisada por Peruzzo (1998), é o da participação momentânea das mulheres, já que não acontece no âmbito do planejamento e na elaboração dos conteúdos das pautas do Rádio Mulher. Sobre a participação no Programa, metade das entrevistadas já teve algum contato com a emissora, contato esse que não reflete no planejamento do conteúdo, uma das entrevistadas afirmou que telefonou para o Rádio Mulher para fazer uma pergunta a um participante do quadro de entrevistas. Em seu relato, ela afirmou:

Foi no quadro de entrevista onde estava o Secretário de Educação e eu telefonei e perguntei a ele qual a medida que ele teria tomado pra melhorar realmente a educação no município e, especialmente, na comunidade onde vivo (Ártemis).

Foi perguntado às mulheres se elas começaram a fazer parte de alguma organização (sindicato, associação, cooperativa ou grupo informal) depois que passaram a ouvir o programa Rádio Mulher, todas elas afirmaram que não, sendo que a maioria (71%) das

entrevistadas já participava da Associação de Moradores antes de conhecer o programa. Uma das entrevistadas afirmou que:

Já tinha o programa só que eu não ouvia o programa, mas eu comecei a escutar. Na associação eu entrei antes, por que minha mãe já fazia parte da associação, ai eu comecei a ajudar minha mãe, depois eu entrei na própria diretoria da associação (Ártemis).

Sobre o incentivo à interação com outras comunidades, três mulheres disseram que foram influenciadas pelo Programa, porém quatro entrevistadas afirmaram que nunca ouviram essa questão no Rádio Mulher. Outro problema relatado por uma das entrevistadas é o da transmissão da Rádio Calheta que não ocorre com qualidade para o Povoado do Pirapama, o que também afeta o processo de recepção e, conseqüentemente, de participação da população.

O tema participação surge aqui como ação fundamental para que haja desenvolvimento local e, no contexto das mulheres de Pirapama observa-se níveis variados de interação com a sociedade e com os meios. Sobre a participação nos veículos de comunicação viu-se que ela ocorre de forma irregular e pouco significativa para a vida dessas mulheres. Das sete entrevistadas, duas já tiveram algum contato com o Programa durante a sua exibição ao vivo, quatro delas participaram de um curso sobre rádio oferecido pelo CMC e outras três mulheres nunca tiveram nenhum contato, a não ser o de receptoras de mensagens dos programas de rádio e TV.

Para conhecer as apropriações que as mulheres fazem nas “Atividades Econômicas e Produtivas”, foi perguntado se o programa já deu alguma informação que elas puderam utilizar no trabalho ou pra ganhar dinheiro e qual foi essa informação. A maioria das mulheres não se recordou de ter tido acesso a esse tipo de notícia que as ajudasse no trabalho, na melhoria da renda ou que servisse pra conseguir emprego. Uma das mulheres falou que foi beneficiada em uma entrevista de trabalho porque sabia de uma informação transmitida no programa Rádio Mulher; outra entrevistada falou que o Programa tem parceria com a Agencia do Trabalho e que divulga suas ações.

Sobre cursos profissionalizantes, quatro das entrevistadas falaram que nunca tinha ouvido informações sobre o assunto, e três falaram que sim, mas não se lembravam qual tinha sido a informação. Destaca-se abaixo a fala de uma das entrevistadas:

Devia ter mais coisa, falar assim um curso para as mulheres, um trabalho para as mulheres, elas falam, mas deviam falar mais constantemente porque é o que agente ta mais precisando (Hera).

Divulgar conteúdos sobre atividades econômico-produtivas pode funcionar como um atrativo a mais para as mulheres de contexto popular, além disso, o incentivo a geração de renda ou emprego não caracteriza a única dimensão possível de desenvolvimento, porém, é fundamental na atual sociedade de base capitalista.

Sobre as apropriações das questões relacionadas à “ecologia”, fator condicionante para a melhoria da qualidade de vida daquela população ribeirinha, pode-se inferir que o programa Rádio Mulher não as vem abordando de forma adequada, a ponto de surtir efeitos de apropriação das mensagens ambientais pelas ouvintes do programa.

Nesta pesquisa foram considerados os tipos de Ecologia definidas por Guattari (1993) e Tauk Santos (2008), sendo a primeira de ordem “política-ambiental” e a segunda de ordem “ética-cultural”. Estando uma relacionada à preservação do meio ambiente natural, ou questão ambiental propriamente dita e a outra aos valores culturais e éticos da sociedade.

Perguntamos as mulheres se elas costumavam ouvir no programa alguma mensagem sobre cuidados com o meio ambiente e se lembravam dessas mensagens. A resposta de todas foi que costumam ouvir sim, mas somente duas lembraram-se de uma mensagem que remetia a esse tema. Uma ouvinte que se recordou da mensagem sobre a questão ambiental, falou:

Sim, no ano passado uma campanha que foi feita sobre preservação do meio ambiente, falava da importância da gente preservar o meio-ambiente e principalmente o rio (Atena).

No que diz respeito à ecologia social as entrevistadas demonstraram apropriações de temas relacionados com a violência contra as mulheres, de forma geral. Como se pode observar nos depoimentos a seguir:

O tema era sobre violência doméstica, e eu já tinha ouvido no Rádio Mulher (Perséfone).

Eles falam da violência, do racismo da discriminação, abrangem tudo (Afrodite).

A questão da ecologia não poderia deixar de ser vista aqui, pois, junto ao progresso econômico e tecnológico desenvolveu-se também uma indiferença social relacionada aos valores ambientais, sociais e éticos na contemporaneidade. Por esses aspectos o trabalho de sensibilização pelos meios de comunicação para promover o empoderamento da população sobre esses assuntos se faz indispensável.

Para saber se as mulheres compreendem as mensagens que são veiculadas pelo Programa foram feitas algumas perguntas apoiadas em termos que foram transmitidos pelo Rádio Mulher anteriormente a essa pesquisa.

A respeito do que diz a Lei Maria da Penha, todas as mulheres souberam responder alguma coisa e afirmaram já ter escutado algo sobre o assunto na programação.

Sobre a compreensão delas, em geral, dos termos veiculados pelo programa, 28% das mulheres disseram nunca ter dúvidas sobre o que é apresentado, enquanto 72% afirmaram que não conseguia entender tudo que era dito. Duas entrevistadas relataram:

Não consigo entender tudo. Às vezes um político, um médico fala, a locutora ainda explica, dá pra entender. Às vezes tem uma pergunta, acaba o tempo e a gente não tem como saber (Hestia).

Muita coisa que eu não consigo entender, mas agora não me lembro de nada (Afrodite).

Quanto à avaliação do Programa, todas as mulheres afirmaram gostar do conteúdo veiculado pelo Rádio Mulher. Os temas apontados por elas como mais interessantes no Programa são, em geral, as discussões sobre os direitos das mulheres, as denúncias contra a violência e as informações sobre assuntos relacionados com a cidadania.

Considerações Finais

O estudo evidenciou a contribuição das mulheres no desenvolvimento local e nas atividades associativas em sua comunidade, e como o Rádio Mulher contribui para esse processo. Também revelou que o Programa divulga um conteúdo voltado para um público feminino, porém, após conhecer a opinião de algumas de suas ouvintes, verificou-se que a participação do público, mencionada pela equipe como um de seus objetivos, ainda não é uma realidade no que tange ao planejamento e ao processo de criação dos programas diários.

A proposta do programa Rádio Mulher, no sentido da promoção do diálogo e da aproximação com o ouvinte, apresenta uma dimensão favorável para os assuntos que tem relação com o desenvolvimento das localidades abrangidas pelo programa. Seu enfoque de gênero inova em relação ao formato das rádios comunitárias locais, colocando em pauta os principais temas relacionados com a mulher, e discutindo os problemas enfrentados pela mulher na contemporaneidade.

As mulheres de Pirapama representam nesse estudo o perfil da ouvinte do Programa Rádio Mulher, elas são mães, são estudantes e trabalhadoras; através da sua renda, auxiliam

no sustento de suas famílias e, a partir de suas características de participação e associação, auxiliam no desenvolvimento de sua comunidade.

Sobre as apropriações que fazem da proposta do Programa, observou-se que as informações sobre gênero, no âmbito do reconhecimento das diferenças entre os sexos e na luta pela igualdade; cidadania, com questões mais relacionadas à saúde e aos direitos sociais; e ecologia social, abordando os vários tipos de violência contra as mulheres e seus direitos à proteção, nestes casos, são mais compreendidas pelas ouvintes entrevistadas.

Entretanto, aparentemente, em se tratando dos temas sobre organização/participação, no âmbito das questões que influenciam a organização política e a participação das mulheres no Programa; sobre as atividades econômico-produtivas; e de ecologia ambiental, as apropriações pelas mulheres de Pirapama, como podemos observar nos seus próprios depoimentos, são incipientes diante da importância desses fatores para o Desenvolvimento Local.

Referências

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 4 ed.

CABO DE SANTO AGOSTINHO. Prefeitura Municipal. **Nossa Cidade**. 2005. Disponível em: <<http://www.cabo.pe.gov.br/localizacao.asp>>. Acesso em: 02 jul. 2008.

CMC. Centro das Mulheres do Cabo. **Objetivos**. Pernambuco: CMC, [199?]. Disponível em: <<http://www.mulheresdocabo.org.br/>>. Acesso em 13 mar. 2008.

COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: STREY, Marlene Neves (ORG.); et. al. Porto Alegre: [s. n.], 2004.

CORAZZA, Helena, fsp. **Comunicação e relações de gênero em práticas radiofônicas**. São Paulo: Paulinas, 2000.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. Autores Associados: Campinas, 2008. 9 ed. Coleção polêmicas do nosso tempo.

ESTRABELI, José; RAMALHO, Eliane da Silva. **No ar uma rádio popular**. São Paulo, SP: Cemi Gráfica Editora Ltda. 1985.

FRANCO, Augusto de. **Pobreza e Desenvolvimento Local**. [2004]. Disponível em: <<http://www.augustodefranco.org>>, acesso em 07 de janeiro 2005.

FREIRE, Adriana do Amaral. **Rádio comunitária, gênero e desenvolvimento local: a recepção do Programa Rádio Mulher pelas mulheres da Comunidade do Pirapama – PE**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2009.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões de nossa época, v.23).

- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1993.
- JACKS, Nilda. **Cultura regional como mediação simbólica**, um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- JARA, Carlos Julio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco – Seplan, 1998.
- MAFRA, Maria Sueli Heberle; FLORIANI, Guilherme dos Santos. Gênero e desenvolvimento: reflexões metodológicas. In: **Congresso Brasileiro de Agroecologia**, 2., 2007. Disponível em: <www6.ufrgs.br/seeragroecologia/ojs/include/getdoc.php?id=2757&article=871&mode=pdf>. Acesso em 02 set. 2008.
- MONTEIRO, Angélica; LEAL, Guaraciara Barros. **Mulher, da luta aos direitos**. Brasília, DF: Instituto Teotônio Vilela, 1998.
- NICHOLSON, Linda. **Interpretando gênero, estudos feministas**. Santa Catarina: UFSC – VOL. 8, N. 2. 2000.
- PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**, a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SANTO, Alexandre do Espírito. **Delineamentos de metodologia científica**. Loyola: São Paulo, 1992.
- SOUZA, Mauro Wilton de. **Novos olhares sobre práticas de recepção em comunicação**. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Temas Contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: Edicom: Intercom, 1997
- TAUK SANTOS, Maria Salett. **Comunicação Rural: do difusionismo Tecnológico ao Desenvolvimento Local**. Recife: Prorenda Rural, Coletânea de Palestras, 2002.
- _____. **Pedagogia da sustentabilidade: comunicação e ecologia no ensino da Extensão Rural**. In: MELO, José Marques de (Org.). **Mídia, Ecologia e Sociedade**. São Paulo: INTERCOM, 2008.
- TORO A., José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social**, um modo de construir a democracia e a participação: Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Mulheres e crianças: o duplo dividendo da igualdade de gênero**. UNICEF, 2006 – Cap.1. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/smi/>>. Acesso em: 18 jan. 2009.